

O ESPANTO DO OUTRO MATERNO*

Marie Christine Penot-Laznik

Introdução

Será que há funções simbólicas que a mãe deveria ocupar, caso contrário, a própria possibilidade de uma fala ser sustentada por seu filho enquanto sujeito se acharia comprometida? A partir de casos em que uma tal fala se configura justamente como questão, seu tratamento nos permitiria observar certas condições simbólicas que deveriam presidir esta co_o locação?

Primeira parte: os estados pós-autísticos

Com relação à qualidade do discurso das crianças que se en_o contram no que se chama clinicamente um estado pós-autístico, Kanner, em seu texto princeps, se exprime de forma bastante clara. É um discurso que não seria feito para comunicar, diz ele (que não visaria o Outro, diríamos nós) uma pura ladainha, as chamadas "ecolalias diferidas", tocos de pa_l lavras, palavras sem significação, fragmentos escutados, cantilenas vazias; chegando a ser, para uma das crianças que Kanner descreve, a recitação de salmos inteiros de cor.

Algo neste discurso manteria a característica do Real de onde se origina, já que de forma alguma parece ser recruzado por uma ca_o cata significante que lhe permita se fechar em uma significação; pois isto implicaria antes de tudo que este discurso fosse endereçado a um Outro que não somente o julgaria válido, mas que poderia testemunhar o fato de que existe aí uma mensagem para ele. É verdadeiramente necessário casos limi_o tes como o autismo para nos confrontar a uma clínica em que o que acontece normalmente, sem que ninguém se detenha aí, vai se encontrar de repente, por sua pane, desnudado das funções que sua banalidade costumeira nos impe_o dia até mesmo de suspeitar.

Por que o discurso se mantém neste registro de Real? Por-

* Tradução de Monica Magalhães Ceineman

que não encontra o outro como destinatário de uma mensagem? Por que não encontramos a dialética da demanda do desejo?

Segunda parte: caso clínico

Louise tem agora cinco anos e meio. Ela emerge com vigor de um autismo primário que foi diagnosticado quando tinha seis meses, de modo que um trabalho terapêutico precoce mãe-criança pôde ser feito. Eu a recebi há um ano e meio, ouvindo com bastante interesse a maneira tocante com que a mãe conta como este diagnóstico pôde ser feito. Por ocasião de uma visita ao pediatra, felizmente com uma grande sensibilidade às questões de diagnóstico precoce, a mãe o ouve dizer: "sua filha não a olha".

Quando encontro Louise, não é mais o bebê mole, boneca de pano que fora. Graças provavelmente ao trabalho que a mãe e a criança fizeram com uma psicometricista muito sensível às questões analíticas, não somente ela anda, mas emite alguns enunciados dentre os quais se reconhece sobretudo algumas canções infantis e um texto que se referia ao fazer xixi ou ao fazer cocô do bebê no pinico. Acrescentando-se a isso, um certo número de palavras partidas, truncadas ou resmungadas de maneira incompreensível.

Louise acha na caixa de jogos de minha sala um pequeno lobo de plástico: "Eu sou Lou, o pequeno lobo das estepes", enuncia. Trata-se do início de uma pequena história infantil que ela escuta de um disco, e que repete em uma espécie de ecolalia diferida, mas desta vez com uma ligação com um objeto concreto. Este será uma das primeiras ladainhas que poderá se encarnar, pois este "Lou" é também o apelido que sua mãe lhe dá.

Louise é não somente incontinente mas nesta época ela ainda perde com facilidade o eixo de seu corpo, freqüentemente se desmancha do como uma boneca de farelos. Seus sapatos regularmente saem de seus pés como se deles escorregassem, assim como a saliva que escorre do canto de seus lábios que evidentemente não marcam limites.

Um pouco depois, um outro enunciado, ainda desconexo de qualquer contexto é lançado às paredes, : "rio profundo". Interrogo o pai que está presente a esta sessão e que reconhece uma das estrofes da canção "Nas escadarias do palácio".

Ele a canta, Louise a canta também, ela a conhece de cor e pode fazê-lo automaticamente. Mas para minha surpresa, Louise se alegra quando ouve "há uma menina belíssima" - parece ser a primeira vez que "merina" se lhe refere.

* Lobo em francês é leup, que é homôfona a Lou (lu). (N. da T.)

1. Trata-se de uma velha canção francesa cantada por Yves Montand. "Nas escadarias do palácio/há uma menina belíssima/Ela tem tantos pretendentes/que não sabe quem escolher/E um sapateirinho que teve sua preferência/E ao calçá-la/que lhe faz seu pedido/ Minha bela se tu quiseres/dormiremos juntos/em um grande leito quadrado/coberto com um linho branco/no meio do caminho do leito/o rio é profundo" etc.

Quando ela perde seus sapatos e que como sempre seu pai não a coloca, peço ao pai que cantemos a seguinte estrofe, "é ao calcú-la". Louise que antes se deixava calçar como uma boneca, estende agora o pé a seu pai - como uma menina belíssima...

Mas com sua mãe, ela nada mais consegue ser que o lobo ou o bebê que faz xixi, e isto ainda por um bom tempo. Uma ou duas tentativas que ela esboçará para se olhar no espelho murmurando "batom", colocam-na em um tal estado de desamparo que cai no chão de dor, como se seu corpo se despedaçasse.

Louise continua a cantarolar como ladainhas, pedacinhos de canções. Reconheço uma frase aqui, outra lá, como por exemplo "... estava à sua janela". A mãe interrogada procura e acha: do mesmo disco de canções francesas, há também "Belo tambor". Faço à mãe para cantá-la, e a filha do rei que faz sorrir Louise. Nos dias que se seguem, Louise retoma como filha do roué. Pergunto à mãe o que isto evoca - nada, a não ser as habituais ladainhas com palavras incompletas que murmura sua filha...

Mas outras palavras deformadas vão em seguida chamar minha atenção. Principalmente "Atéing", que ela diz em momentos de angústia e que parece acalmá-la. A mãe interrogada aí reconhece imediatamente o sotaque de Toulouse*, lugar de origem do pai, que, ele mesmo, perdeu todo sotaque. Como sempre, Louise parece não seguir a conversa, mas neste momento a ouvimos pronunciar - para ninguém, como sempre - "Vovô Vinpaing"**. A partir de então, entende-se melhor como a filha do roué retoma este sotaque do Midi, aparentemente como uma zombaria e como uma derrição mas indo além do recalçado paterno relativo ao sotaque da língua de seu próprio pai, faz ressurgir o enunciado do avô que tem para ela valor de apaziguamento. E Louise é trazer então desta canção: "tu não terás minha filha" - justamente a palavra do "roué" (rei).

Paralelamente a esta tentativa de dar uma identificação a esta filha de roué. Louise mostra sinais de angústia sempre que tem um movimento de desejo a direção a um objeto feminino qualquer que pertença à sua mãe ou a mim. Adivinhamos seu movimento, mas ele se interrompe a meio caminho e ela se abate gritando. Em uma destas ocasiões, parece-me entrar um esboço de movimento em direção a uma corrente de ouro, muito bonita, que sua mãe traz. Durante a própria sessão nada posso dizer pois ela entra em angústia. Na sessão seguinte, volto ao assunto com a mãe que con-

2. Trata-se de uma outra velha canção francesa do mesmo disco. "Três jovens tambores". Três jovens tambores voltavam da guerra/o mais jovem traz em sua boca uma rosa/a filha do rei estava à sua janela/belo tambor, dá-me então tua rosa/filha do rei, dá-me vosso coração/belo tambor, pede-o a meu pai/Senhor rei, dá-me vossa filha/belo tambor, tu não terás minha filha/belo tambor, tu não és rico o bastante" etc.

* attends - espere, palavra falada com um sotaque diferente por Louise. (N. da T.)

** Aqui, acontece o mesmo fenômeno. Fala o nome de seu avô com o sotaque de Toulouse. (N. da T.)

.10.

ta que ela se fez de presente esta corrente no nascimento de Louise. Esta que parece nada ouvir e rabisca no quadro negro, emite neste momento dois sons que eu não compreendo mas que parecem articulados.

Como os repito com um ar de surpresa interrogadora, a mãe dispara a rir. Parece-lhe tratar-se de uma pequena canção na língua de origem da mãe, que é peruana mas que veio, ainda jovem, para Paris estudar e que fala perfeitamente o francês. Mas não é o espanhol, língua que eu compreendo: trata-se de uma pequena canção em Quéchua, transmitida pela avó. A mãe começa a entoar a canção e a filha canta com ela, sorrindo para a mãe.

Eis aqui a tradução: "uma mamãe vai a um poço, o que ela vai buscar? Ela vai buscar uma filha. Como se chamará esta filha? Esta filha se chamará Louise. O que lhe daremos? Dar-lhe-emos uma linda corrente". Algum tempo depois, a mãe oferece, de fato, uma corrente de ouro à filha que vem mostrá-la para mim, nomeando-a em quéchua. Ela se tornou uma criança que não babava mais.

E, então, eis uma nova ladainha que chega enunciada como de costume, completamente fora de contexto e aos gritos: "Alexandre! Alexandre! o que você faz Alexandre?". Tomo conhecimento pelos pais que ela grita isto o dia inteiro e que há, parece, um Alexandre muito levado em sua classe. Como a ladainha invade literalmente as sessões seguintes, procuro bonequinhos de madeira e lhe proponho representarmos as crianças da classe. Ela deixa que eu o faça e depois parece resolver que um bonequinho se chamará Alexandre. Na sessão seguinte, torna-se "Sr. Alexandre!" e ela coloca, ao lado do bonequinho que ela havia escolhido para representá-lo, uma menina a quem ela chama de Marcela. Nas sessões seguintes, ela procura os mesmos bonequinhos. Os pais interrogados se informam na escola, não há nenhuma Marcela. De onde pode ter saído este nome?

Finalmente, depois de ter ficado alguns dias sem nada entender, diante deste enunciado que insiste, a mãe começou a rir, lembrando-se, de repente, que há um amigo do pai que se chama Alexandre, que tem um filho que se chama Marcelo! ... Este Sr. Alexandre foi o único amigo do pai que teve para Louise um olhar de reconhecimento; sempre a viu como uma criança extraordinária, diz a mãe. Neste momento, ouvimos sair da boca de Louise que derruba algo no chão, o olhar ausente, o seguinte enunciado, provavelmente a esmo como de costume: "Um bebê formidável! À ver! À ver!" Mas de onde vem este enunciado? Estou siderada (perdida).

Bem, vem de um Gargântua contado às crianças, fita cassete que ouve exaustivamente nos últimos tempos, diz-me a mãe. Rabelais! ... Qual foi o enganche?

A mãe me diz: "é porque minha filha tem uma grande voracidade". Esta mãe interpreta, se vê obrigada a saber - e é verdade que é uma das funções da mãe, este lugar do saber, lugar do S₂ a propósito do qual

chiste. Sideração e luz são exatamente os termos propostos por Heymans, que Freud cita, e no qual encontrou seu famoso exemplo do familionário⁵. Ao reler Freud, pareceu-me encontrar nele as características do que chamaria uma escuta que olha para retomar a idéia do escutar-ver proposta por Gabriel Balbo. Existe aí uma ligação direta com o que havia proposto como olhar fundador do Grande Outro único capaz de reconhecer o sujeito aureolado de pequenos "a"; pequenos "a" que o próprio sujeito jamais verá já que é justamente a parte não especularizável de sua imagem do corpo. Esta operação tem no mínimo uma consequência: a de representar o infans como desejável, como falicizado, como investido libidinalmente com relação ao grande Outro. Parece-me tratar-se de uma das condições necessárias para a localização de um sistema pulsional em que o sujeito possa advir ao campo do Outro, para retomar os termos de Lacan no seminário sobre os "Quatro conceitos fundamentais da psicanálise"⁶.

Então qual ligação entre esta *dritten Personen*⁷ de Freud e este Grande Outro original, capaz de um olhar de reconhecimento de quem fazemos aqui? Bem, como sabem, é justamente sobre esta *dritten Personen*, aquela que percebe que há um chiste onde poderia haver somente engano, ou neologismo, é sobre esta *dritten Personen* que Lacan apóia, na obra de Freud, seu conceito de grande Outro. A ele consagra todo o primeiro trimestre de seu seminário sobre "As formações do inconsciente"⁸. Com relação ao próprio termo de grande Outro, sabemos que o tomou, modificando-o, de J.-P. Sartre que empregava a propósito do olhar fundador da unidade do corpo.

O que Lacan nos diz? Frente a um neologismo, uma palavra truncada, deformada, o Outro tem duas alternativas: ele rejeita, coloca-se como autoridade e enuncia "isto não tem sentido", "ele diz qualquer coisa" - enunciados habituais entre os pais de autistas. Este julgamento opera uma expulsão de toda a significação possível, e o enunciado continuará a girar indefinidamente, no real, como uma ladainha. Retomemos aqui os termos exatos de Lacan: "O grande Outro é certamente aquele do tesouro dos significantes, mas tem também um sentido um pouco mais amplo, não mais somente o lugar do código, mas o sujeito que o encarna e que ratifica ou rejeita o que ouviu", bem, este grande Outro por seu julgamento de rejeição permanece intocado.

A outra possibilidade é a da *dritten Personen*, ou seja, a que se deixa siderar. A partir do momento em que a escuta que ofereço a

5. Freud, S.: "O chiste e suas relações com o inconsciente", in G.W., vol. VI, p. 9.
6. Ver M.C. Laznik-Ponot: "Le regard fondateur de l'Autre maternel" in *La psychanalyse de l'enfant*, nº 10, revista da Associação Freudiana.
7. Freud, S.: *Op. cit.*, G.W., vol. VI, p. 161 e ss.
8. Lacan, J.: "As formações do inconsciente", Sem. 1957, 58, não publicado (ver palestras de 6 e 13 de novembro de 1957; de 4, 11 e 18 de dezembro de 1957).

G. Balbo e J. Bergès discutiam recentemente. Comunico-lhe minha estupefação e peço-lhe que traga o texto, para que possamos observar o que interessa a Louise.

Eis sobre o que ela se detém; eis as passagens que no texto de seu livrinho a interessam: "Era uma vez, no castelo de Davinière, na Touraine, um gigante... que ainda não havia nascido. Seu futuro papai, Grandpousier, senhor do lugar..." e o que segue não a interessa mais. Em seguida novamente: "este Grandpousier tomou por esposa Gargamela, filha do rei dos Parpaillots..." Eis o que ela retém.

Ela deixa passar o que se segue para se interessar essencialmente no olhar da assistência sobre o recém-nascido: "um bebê formidável!". E então, ela é tomada por uma grande alegria. Mas ela modifica sistematicamente o primeiro grito do bebê Gargântua que não mais é à beber! à beber! ** como no texto, mas à ver!, à ver! ...

Depois, ignora toda a sequência do texto indo direto ao fim, ao nascimento do filho de Gargântua. Sobre o nascimento de Pantagruel, seu texto diz o seguinte: "Gargântua teve um filho de Bodebecque que infelizmente morreu ao dar à luz um bebê." O pai, num primeiro momento em lágrimas, inconsolável, vai exclamar ao ver seu filho: "Oh! meu filho, meu pezinho! como tu és belo, como estou feliz". O que Louise enuncia com júbilo. E é então que observo que seu estrabismo praticamente desapareceu.

Terceira parte: que ensinamentos e que questões podemos tirar deste fragmento clínico?

Primeiramente esta presença da linguagem no real, para empregar os termos de Lacan no Seminário sobre a identificação³, este discurso corrente do real veio enganchiar algo de uma cadeia significativa para a criança, veio ler, diríamos, alguns dos significantes que podem vir a constituir a cadeia do sujeito. Mas o que permitiu esta articulação do enunciado com a cadeia significativa, articulação difícil de acontecer neste tipo de criança?

Parece-me que estes enunciados, que poderiam ter ficado no campo do real de uma litania, encontraram a escuta de um Outro que desempenhou o papel que Freud, em *O chiste e suas relações com o inconsciente*, nos diz ser o da "*dritten Personen*", a terceira pessoa, aquela que escutando um neologismo defeituoso, como uma coisa ininteligível, incompreensível, enigmática, em vez de rejeitá-la como sendo apenas um forçá-código, deixava-se após um momento de sideração levar pela luz que nela reconhece um

* Nome insultante dado na França aos calvinistas, (N.da T.)

** Em francês *à boire*; *à boire*; que é dito *à voir*; *à voir*! (N.da T.)

3. Seminário não publicado de J. Lacan, A identificação, palestra de 10 de janeiro de 1962.

4. Devo esta descoberta a uma discussão com Pablo Mario Kovalovsky a propósito de seu texto: "O chiste e seu excesso", publicado nos anais do II Congresso Inturassociativo de 1991.

derá-lo e mesmo ser investido pulsionalmente. Não haveria então as condições para que um sujeito advenha ao campo do Grande Outro?

Quinta parte: análise do texto de Louise

Louise me leva, agora, a reconsiderar o que havia proposto há um ano, que o olhar do Outro que, como um espelho opaco, vem, pelo reconhecimento que ele dá, permitir a constituição da Urbild, da imagem especular, é um lugar sustentado pela mãe. Louise atribui esta função do olhar de reconhecimento a seu pai. Isto não suscita nenhuma dúvida, mas coloca muitas questões...

Devemos pensar que, quando a mãe permite a constituição da unidade do corpo, ela já é portadora da metáfora paterna? E que este Outro no qual ela se desdobra em relação a seu próprio lugar de mãe virá, no a posteriori, se chamar pai?

Se olharmos de perto o material de Louise, percebemos que exceto sua primeira referência à "menina belíssima" e ao "sapateirinho", todas as outras remetem a um reconhecimento de filiação.

Tomemos "a filha do rei" da qual altera o enunciado ao nível mesmo da letra: "filha do roué". Isto vem reforçar a questão da filiação, recuperando um traço do avô paterno, que caiu no esquecimento ao nível da geração do pai.

Em seguida, temos o "Sr. Alexandre" e uma garotinha "Marcela". Quando a mãe, que procurava comigo há um certo tempo ao que podia reter esta ladainha de Alexandre e Marcela, compreende enfim que se trata de um duplo feminino do verdadeiro filho de Alexandre, Marcelo, ela experimenta uma surpresa e um divertimento evidentes. Alexandre é justamente este amigo da família que sempre teve para Louise um olhar de reconhecimento sobre o que ela teria de extraordinário. É neste momento que ouvimos Louise proferir ao nada "um bebê formidável! à ver! à ver! - enunciado de Rabelais contado para as crianças.

Sexta parte: a interpretação que dá Louise do mito rabelaisiano

Leio para ela: "Era uma vez, no castelo da Devinhière, na Touraine, um gigante"... neste momento Louise me interrompe e completa ela mesma: "que ainda não havia nascido. Seu futuro pai, Grandgousier, senhor do lugar"... e o que se segue não a interessa mais.

Devemos, ainda uma vez, constatar que é sobre filiação que se fala e sobre filiação paterna. Parece-me que ela assinala com uma ênfase particular, cada vez que ela enuncia "seu futuro pai", como se aí houvesse algo importante: que o nome do pai esteja aí antes mesmo do nascimento da criança.

"Este Grandgousier havia tomado por esposa Gargamela"... e

Louise consiste em pensar que o enunciado que ela profere é ao menos uma formação do Inconsciente, e talvez até um chiste, Louise se acha confrontada a um Outro que frente a esta palavra incompreensível, ininteligível se deixa siderar. A palavra em alemão é Verbluffung, que também pode se traduzir por espantar, assombrar, ou até maravilhar, empregando um termo rabelaisiano. Uma coisa é certa e Lacan a sublinha com força: o grande Outro é ultrapassado e isto nos dois sentidos. O enunciado ultrapassa o código e também o sujeito que sustenta este lugar de grande Outro. A sideração assim produzida testemunha um vazio interior, uma marca da falta, uma incompletude.

Mas Lacan acrescenta que aceitar, ratificar isto como mensagem, mesmo se a significação deve ficar temporariamente em suspensão, indica à criança que pode ser entendida para além de sua fala.

Encontramos aqui esta dupla função da mãe de que nos fala Jean Berghes nas jornadas sobre o corpo, a propósito da motricidade: por um lado a que apóia a função e, por outro, a que se deixa ultrapassar pelo funcionamento da função na criança. Também, neste caso, o que fica habitualmente no lugar do Outro deve então sustentar uma posição dupla, violenta e contraditória: ser a mãe que por uma tradução permanente dos gritos e dos sons proferidos por seu filho (é ela que dá os significantes que transformarão estes gritos em demanda) permite-lhe fazer passar sua demanda pelos desfiladeiros do significante que o alienarão no mesmo instante, mas é preciso que esta mãe que sabe antes mesmo que a criança saiba, possa também ser ultrapassada por ela.

Com relação à motricidade, é ao funcionamento da função que Berghes atribui valor de pequeno "a", valor pulsional. Bem, vamos encontrar este mesmo pulsional experimentado em lugar deste Outro que Freud nomeia de dritten Personen. Ele consagra um capítulo inteiro ao segundo tempo, à luz, ou seja, ao prazer pulsional experimentado por este terceiro personagem, prazer significativo por um sorriso e pela necessidade na qual o terceiro personagem se acha na posição de ir comunicar a outros o que ele entendeu - o mesmo que estou fazendo aqui.

Quarta parte: que efeitos isto pode ter na criança?

Mesmo que este enunciado tenha partido dela, tenha saído dela sem que nele se coloque demanda e a ninguém se enderece, o fato de que isto volte a ela como portador de uma significação, construindo uma mensagem, não se faz sem vir a inscrever algo para ela. Mas é somente no a posteriori que a criança pode vir a se identificar com a fonte deste prazer experimentado pelo Outro. O que é remetido à criança é que ela preferiu um enunciado que ex-siste para o grande Outro, que pode espantá-la, si

9. Berghes, Jean: "Somatolalie" in Le corps, publicado em Trimestre Psychanalytique nº 2, 1991. Publicação da Associação Freudiana.

Louise completa: "filha do rei dos Parpaillots".

Também aí o que a interrompe é o reconhecimento de uma filiação que remete a um pai nomeado. Devemos aqui evocar a famosa identificação primeira do pai? Esta identificação por incorporação, esta *Einfühlung*, que Freud nos deixou como algo difícil de articular; mas frente à qual Lacan não recua. "A primeira forma de identificação", diz ele, "é aquela pela qual incorpora-se". Ele, no entanto, se queixa: "sem a menor indicação, sem a menor observação - a não ser vagamente metafórica - nada nos é dado de uma tal fórmula sobre o que isto pode na verdade querer dizer? Ou então, se falamos de incorporação, é porque algo deve se produzir ao nível do corpo. Não há nenhum outro meio de fazê-la intervir a não ser reunindo-a pela temática da tradução mítica e religiosa".

Retornemos ao material de Louise. Ela não liga para o que se segue para se interessar essencialmente pelo olhar da assistente sobre o recém-nascido: "um bebê formidável". É aí ela se encontra completamente feliz. Mas ela altera sistematicamente o primeiro grito de chamado do bebê Gargântua que não é mais à beber! à beber! como no texto, mas à ver! à ver! Não se trata de uma palavra mal entendida, pois quando, ao ler, troco eu à beber! por à ver!, ela me corrige imediatamente!...

Proponho considerar esta mudança de uma letra* - que coloca a demanda de ser olhada, à ver! à ver! no lugar da demanda de satisfação da necessidade alimentar, à beber! à beber! - como um chiste. Pois ela vem revelar o que estava oculto: que uma demanda não se reduz a ser demanda de satisfação de uma necessidade mas, que ela comporta um para além da demanda que é da ordem do desejo, do desejo do Outro - o que este pedido de ser olhado me parece metaforizar de forma conveniente.

O que Louise restabelece com seu chiste é justamente esta dimensão faltante do para além da demanda da satisfação alimentar. Ela re-introduz o registro do desejo e mesmo restabelece um chamado que se encontra ao Outro primordial, do Outro cujo olhar está no lugar de espelho opaco. Leva-nos, assim, a reconsiderar o mito da voracidade insaciável de *Pan tagruel*: não haveria nesta insaciabilidade uma recusa - uma *Versagung*, já que é antes por "recusa" que por "frustração" que Lacan nos propõe traduzir este termo de Freud - uma recusa de acóitar em ver sua demanda satisfeita ao nível da resposta de necessidade alimentar? Não indica ela justamente assim um para além da demanda de satisfação de necessidade?

* Em francês, foneticamente há somente a troca de uma letra: boire (beber)/voir (ver).
(N. da T.)

LIVRARIA PULSIONAL

Centro de Psicanálise

Prezado(a) Senhor(a)

O BOLETIM DE NOVIDADES da Livraria Pulsional é uma publicação mensal no período de fevereiro a dezembro de cada ano. Dedicamos à divulgação de artigos, notícias e novidades bibliográficas (de livros e de periódicos nacionais e estrangeiros), no campo da psicanálise.

O BOLETIM inicia seu quinto ano de vida e se constitui num importante instrumento de informação para aqueles que se interessam em saber sobre as novidades psicanalíticas.

Trata-se, indiscutivelmente, de uma publicação de grande utilidade que vem preencher falta existente num campo que apresenta crescente complexidade e dinamismo.

Acreditamos que o BOLETIM seja um eficiente meio de difusão, já que conta com cerca de 1.200 leitores em todo o Brasil.

Estamos oferecendo, agora, espaços para anúncios.

Faça-se conhecer através de suas atividades e seus projetos.

Cordiais saudações,

Livraria Pulsional